

# **O tal do ressentimento ou Quem tem medo do feminismo?**

**Daniela Alvares Beskow**

**Palavra e Meia  
Caderno de Textos 7**



# O tal do ressentimento ou Quem tem medo do feminismo?

Daniela Alvares Beskow

Palavra e Meia  
Caderno de Textos 7

Caderno de Textos Palavra e Meia é uma publicação da Editora Palavra e Meia. Destina-se a difundir textos de caráter analítico e ensaístico de tamanho curto e médio da autora Daniela Alvares Beskow. O objetivo é circular conteúdo de pesquisas em andamento, reflexões sobre momentos históricos atuais e passados e questões para debate. Alguns desses textos serão futuramente desenvolvidos em livros ou capítulos de livros.

Caderno de Textos Palavra e Meia

Coordenação geral: Daniela Alvares Beskow

[www.palavraemeia.com](http://www.palavraemeia.com)

---

Beskow, Daniela Alvares. Caderno de Textos n.7 O tal do ressentimento ou quem tem medo do feminismo?/ Daniela Alvares Beskow. -1. ed. Campinas: Palavra e Meia. 2020

1. Ciência Política 2. Feminismo 3. Perspectiva feminista 4. Patriarcado 5. Linguagem 6. Religião 7. Sociedade 8. Movimento feminista 9. Imagem 10. Cinema 10. Beskow, Daniela Alvares

Março de 2020

Caderno de Textos

Títulos publicados:

Cadernos de textos 1. Características da dominação no patriarcado. 2017

Caderno de textos 2. Política: reflexões sobre o diálogo a partir de ideias anarquistas e feministas. 2017

Caderno de textos 3. Reflexões sobre liberdade, construção coletiva e comunicação. 2017

Caderno de textos 4. Dramaturgia cênica feminista e análise situada de espetáculos. 2018

Caderno de textos 5. Perspectiva feminista, movimento feminista e movimento de mulheres no Brasil: uma introdução. 2019

Caderno de textos 6. Artes Cênicas e trabalho no Brasil atual: proposta para eliminar a precarização. 2019

## Sobre a autora

Daniela Alvares Beskow, 36. Escritora e artista. Bacharel em Ciências Políticas (UNICAMP 2006). Licenciada em Ciências Sociais (UNICAMP 2007). Bacharel em Comunicação das Artes do Corpo (PUCSP 2014). Mestre em Artes Cênicas (UNESP 2017). Escreveu 6 livretos, dentre eles “Perspectiva feminista, movimento de mulheres e movimento feminista no Brasil: uma introdução” (2019), “Artes cênicas e trabalho: proposta para o fim da precarização” (2019) e “Reflexões sobre liberdade, construção coletiva e comunicação” (2017). Escreveu um capítulo sobre as revoltas de 2013 no livro “As rebeliões da tarifa e as jornadas de junho de 2013 no Brasil” (2014, Deriva. Org. Cassio Brancaloneone e Daniel de Bem). Escreveu sobre movimento feminista no Brasil para a revista uruguaia Escucharnos Decir (2016) e contribuiu para o site da UNESP (2017). Escreveu quatro dramaturgias a partir das reflexões sobre as mulheres enquanto sujeitos políticos e a violência contra as mulheres no Brasil: “Meia hora”, “É chegada a hora”, “Marias dizem não” e “João escolhe”. Na iniciação científica (FAPESP/2013) intitulada “O espaço teatral entendido a partir da Teoria Geral dos Sistemas”, pesquisou a relação entre público e artista no teatro fechado. A monografia “Em trânsito: uma análise da relação entre público e artista no teatro que acontece na rua a partir da Teoria Geral dos Sistemas: sujeito, objeto, complexidade e trama na cidade a partir de uma escrita criadora” teve como tema o teatro de rua. Ambas foram orientadas por Jorge de Albuquerque Vieira. No mestrado (CAPES/2015-2017) foi orientada por Lúcia Regina Vieira Romano e se aprofundou sobre feminismo, dramaturgia cênica e mulheres em cena: “O discurso das mulheres na cena paulistana de 2015-2016: uma proposta feminista de análise de espetáculos”, onde pesquisou 42 peças de teatro, dança e performance e contabilizou dados sobre direção teatral a partir de um conjunto de 1.375 peças. Em 2015 co-coordenou o mapeamento de artistas da dança de Campinas e Região, junto ao Projeto Camdança, como uma das ações do PROAC FESTIVAIS 2014. Em 2019 lançou o livreto “Dramaturgia cênica feminista e análise situada de espetáculos” no festival de dança Fevereiro na Dança, em Campinas -SP. Atualmente desenvolve reflexões sobre método e estratégia na área da Ciência Política e Investigação do Movimento e escreve a coluna semanal no “Uma coluna por sexta” no site Palavra e Meia. Sua produção teórica é também resultado do envolvimento com movimentos sociais nas áreas da comunicação, artes e feminismo desde 2000. Confira sua produção em: [www.palavraemeia.com](http://www.palavraemeia.com) e [www.danielaalvaresbeskow.com](http://www.danielaalvaresbeskow.com)

## Índice

- 5 Introdução
- 11 A vida social adquire formas
- 12 Homem como sinônimo para humanidade
- 14 A Bíblia Judaico Cristã. Quem conta um conto aumenta um ponto
- 24 O reconhecimento de si através da linguagem: “marido e mulher”
- 26 O tal do ressentimento
- 30 Começando a concluir
- 31 Referências bibliográficas

## Introdução<sup>1</sup>

“Não se enxerga nada para além daquilo que não se entende”<sup>2</sup>

Sempre fui uma pessoa observadora. Onde uma filosofia diz que o primeiro passo para o entendimento é a observação, me situo. Alcançaremos algum dia, ou mesmo, será que algum dia já alcançamos o contato com a realidade em si, a coisa em si, essa que se observa? Essa é uma questão que perpassa o intelecto do ser humano desde há muito tempo. Nos deparamos então com o pensamento: criação de questões.

Antes da criação, a observação. O que será isso? Observar uma ação, um fenômeno, uma idéia, uma explanação, um acontecimento, um movimento:

*“Escutar integralmente significa ver, ouvir, examinar o problema em seu todo e não apenas em suas linhas gerais. Quando escutais o barulho daqueles corvos com a mente quieta, atenta, sem interpretar, sem condenar, sem resistir, isso significa estardes escutando integralmente. Estais escutando o som total: não o som produzido por um corvo.”<sup>3 e 4</sup>*

*“O ato de escutar – tal como o de ver – é, com efeito, uma das coisas mais difíceis que há. O ver uma coisa muito claramente exige-nos toda a atenção – ver uma árvore delineada contra o crepúsculo, ver claramente cada um dos seus ramos, sua beleza, sentir a intensidade da luz que bate na folha, a forma do ramo, do tronco, ver e sentir a totalidade da árvore e sua beleza. Para ver, é preciso estar-se altamente vigilante, atento. Mas, se a mente estiver ocupada, não se poderá ver a árvore em toda sua excelência; ou, se a mente estiver a interpretar, a dar-lhe uma denominação botânica, estará então distraída. Por conseguinte, não se estará vendo muito claramente. De modo idêntico, não sereis capaz de ouvir, de escutar muito claramente se vossa mente não estiver profundamente interessada, não estiver participando no que está se dizendo, de maneira completa e não parcial. E, não é possível aplicar toda a atenção, quando se diz: “Concordo com isto e discordo daquilo”; ou quando se compara o que está se dizendo com o que*

---

1 Este ensaio foi escrito em 2008 e revisado em 2020. Ano de publicação: 2020. Disponível em: [www.palavraemeia.com](http://www.palavraemeia.com)

2 Fala da personagem “Oráculo” do filme “Matrix” de 1999, interpretada pela atriz Gloria Foster. Direção dos irmãos Wachowski.

3 Krishnamurti. Bombaim. Que é Ação. *Viagem por um Mar desconhecido* SP: Editora Três. 1973. p.148.

4 *Sobre a nota 2, escrita em 2008, escrevo reflexão realizada neste ano, 2020.* Entendo o que Krishnamurti diz quando afirma que ao escutar o som total de um corvo, não o caracterizamos enquanto o “som de um corvo”, mas, um “som total”, pois, caracterizá-lo como um som de corvo, seria parcializar o dado, já que o som produzido pelo corvo é mais do que apenas um elemento resultante do pássaro corvo. O som é também onda eletromagnética, é também tempo, pausa, precisão, continuidade, etc. Ainda assim, o som é também resultado do corvo. Logo, penso que a consciência total do som seria a consciência de que este som é produzido pelo corvo e também a consciência de todos os outros elementos relacionados à este som.

*já sabe; ou se traduz o que se ouve segundo a própria experiência, os próprios conhecimentos(...)*<sup>5</sup>  
e 6

*“Para escutar, há vários requisitos. Primeiro, a mente deve estar quieta; do contrário, não pode escutar. Se vossa mente está a falar, a opor-se, a concordar ou discordar, nesse caso não estais escutando. Mas, se estais quieto, se estais em silêncio, e se nesse silêncio há atenção, há então o ato de aprender”*<sup>7</sup>

Essas palavras de Krishnamurti<sup>8</sup> sobre a mente humana e sua relação com a existência e as coisas que nos cercam são excelentes para orientar qualquer pensamento que se disponha a entrar em ação sobre qualquer que seja a questão. É elucidativo também para a principal questão abordada neste ensaio: a forma através da qual muitos homens enxergam e entendem os movimentos feministas e movimentos de gênero<sup>9</sup> a partir de como demonstram enxergar a mulher, de noções elaboradas sobre a mulher. Pretende-se uma breve e introdutória reflexão sobre essas questões, lançando questionamentos.

## Pequeno preâmbulo

*“ O movimento feminista é um movimento ressentido e rancoroso ”.*

A partir dessa frase iniciamos então nossa incipiente análise sobre os assuntos: homens, mulheres, feminismo. Esse ensaio se dedica a uma introdução à reflexão sobre essas questões, que poderão ser desenvolvidas em ensaios posteriores, compondo uma pesquisa mais ampla e aprofundada.

---

5 Krishnamurti. Madrastra: A mutação da mente. *Viagem por um Mar desconhecido*. SP:Editora Três. 1973. P.22.

6 *Sobre a nota 4, escrita em 2008, escrevo reflexão realizada neste ano, 2020*. Entendo o que o autor diz quando afirma que quando ouvimos algo de acordo com nossa própria experiência, não estamos ouvindo de forma completa. Porém, suponho ser impossível ouvir de outra forma que não seja através da própria experiência. Ainda, penso ser possível ouvir de forma mais próxima o que alguém está dizendo e de forma mais distante da própria experiência, para que se compreenda melhor o que está sendo dito. E ainda, considero interessante e útil supor que é possível a apreensão total do que se vê ou ouve, sem que a experiência da ouvinte interfira nesse processo de estar ciente. Talvez isso seja possível com práticas corporais de respiração e desenvolvimento da atenção, percepção e pensamento não-racional.

7 Krishnamurti. Bombaim: A Relação entre Imagens. *Viagem por um Mar desconhecido* SP:Editora Três 1973. p.89.

8 Krishnamurti nasceu na Índia em 1895 e foi educado e instruído para ser um guia espiritual. Dedicou sua vida a viajar pelo mundo como orador público, debatendo e falando para as milhares de pessoas que atendiam às suas palestras.

9 *Sobre esta frase de 2008, escrevo reflexão realizada neste ano, 2020*. Atualmente não mais utilizo o termo “movimentos de gênero”, que utilizei por alguns anos. Falo em “movimento feminista” e “movimentos de mulheres”, que desde sempre, questionam os papéis de gênero socialmente atribuídos às mulheres e homens no regime patriarcal.

Da necessidade de reflexão sobre a colocação citada que se têm observado frequente entre muitos homens, nasceu este ensaio. Pretende ir além, refletindo sobre os homens eles mesmos, suas possíveis relações, reações e noções a respeito da mulher e logo, do movimento feminista.

Não há como deixar de falar também sobre a mulher em si. Neste ponto dou continuidade à prática – que vêm se desenvolvendo com mais frequência nas últimas décadas – de produção, publicização e veiculação de elaborações sobre a mulher, realizadas por mulheres, questionando toda uma história de desenvolvimento de noções sobre “mulher” e “feminino” assim como de “homem” e “masculino” elaboradas e publicizadas por homens em livros, jornais, documentos religiosos, em oralidades do cotidiano coletivo, no pensamento intelectual, e assim por diante. Homens que falam sobre homens e sobre mulheres. Essas noções foram por muito tempo e ainda são adotadas mesmo por mulheres. Não há diversidade de noções sobre “mulher”, assim como “homem” veiculadas na oralidade predominante. Entendo predominante como “maioria” e também como “oficial”, “comumente aceita” e até mesmo “senso comum”.

Uma vez, durante uma conversa, alguém se espantou com a afirmação a seguir, talvez não elaborada na época, como a que agora segue: “Historicamente os homens têm estado nos espaços públicos tomando decisões a respeito da vida coletiva com muito mais frequência do que as mulheres. Estas, em oposição, têm dominado os espaços privados, aqueles dedicados à família, ao cuidado e o trabalho nas áreas privadas”<sup>10</sup>. Tamanha a obviedade desta afirmação que eu me espantei com o espanto à ela.

As Ciências Sociais nos diz que obviedades são relativas, pois existem pontos de vista diversos sobre uma mesma questão. Então explico a reflexão anterior: a vida pública tem sido composta majoritariamente por homens em uma numerável quantidade de povos. Designo “vida pública” como os espaços de tomada de decisões sobre o coletivo, vida pública como vida política, vida além de espaços de trabalho, lazer, deslocamento que ocorrem nos espaços que não sejam aqueles destinados à habitação. A vida política desde aquela que compõe os espaços formais de decisões coletivas – tais como os parlamentos da democracia representativa, as reuniões dos líderes das monarquia e ditaduras, os espaços de decisão de inúmeros povos indígenas, e assim por diante – até as decisões coletivas que fogem a grandes líderes ou pessoas eleitas – no espaço da micro política, do cotidiano, aquela que se dá nas praças e nas ruas, nos grupos que reúnem as pessoas por interesses diversos.

Ainda que nas últimas décadas as mulheres estejam participando mais das decisões coletivas formais em muitos países, pode-se considerar que tais mudanças sejam incipientes. O patriarcado não foi superado, como algumas pessoas preferem afirmar. A estrutura patriarcal, que é expressa em vários espaços da sociedade, continua existindo. Por isso, se torna vital a análise da situação atual. É necessário perspicácia para entender as raízes dessa situação e de como ela ainda se mantém hoje.

A relação de opressão gera vítimas. A situação de vítima expressa uma impossibilidade ou dificuldade da vítima em transformar a situação de opressão. A vítima estaria confinada à ela. A vítima pode ser vista como alguém desprovido temporariamente de capacidade de ação. “Pessoa sacrificada aos interesses ou paixões alheias”<sup>11</sup> A questão é delicada. Se não houvesse possibilidades

---

10 *Sobre esta frase de 2008, escrevo reflexão realizada neste ano, 2020.* Importante notar aqui que quando afirmo que as mulheres têm dominado o trabalho nos espaços privados, não significa que afirmo que elas não tem trabalhado também nos espaços coletivos/abertos/públicos. Mulheres têm trabalhado em ambos espaços, porém, homens têm trabalhado menos nos espaços domésticos. Por essa razão se diz que as mulheres tem uma tripla jornada, pois, trabalham em ambos os espaços: espaços coletivos/abertos/públicos e espaços domésticos. Nos espaços domésticos, realizam ainda duas funções: a de limpeza e manutenção da casa e a de cuidados com pessoas.

11 Ferreira, A.B.H. *Novo Dicionário Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Totalmente revis e ampli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 2081

de transformação das relações de opressão, a História nunca teria mudado e isso nos mostram as revoltas, as revoluções, as tomadas de poder, as lutas partidárias, as manifestações de rua, e assim por diante. Basicamente podemos pensar uma relação de poder como aquela baseada na desigual efetivação da capacidade de ação, sendo a capacidade de ação, inerente ao ser humano. Capacidade (potencial) e realização dessa capacidade (concretização). De um lado, aquele que oprime, do outro, o que é oprimido. Essa relação pode se dar nas mais diversas áreas da vida, tanto pública como privada. A condição de opressor parte do pressuposto de que este se encontra em um terreno de maior possibilidade de efetivação de ação em relação àquele onde se encontra o oprimido. Essa ação diz respeito à mudança da situação de opressão. Uma metáfora simplificada como a situação de cativo pode ilustrar essa idéia: vamos supor a situação de um sequestro. O sequestrador mantém o sequestrado preso em um espaço confinado, trancado. A libertação do sequestrado se apresenta com muito mais chances de ser efetivada a partir de uma ação do sequestrador – basta a chave do espaço para abri-lo. Ao sequestrado, menos possibilidades são apresentadas: terá que bolar um tática bastante engenhosa para se ver livre das grades, pois ele não tem a chave, está confinado. Ou seja, há um fator de desigualdade, entre duas pessoas, na efetivação de uma mesma ação, mesmo havendo possibilidades para ambos os lados. Quando pensamos para além da metáfora, a coisa se complica, pois ganha complexidade e há uma infinidade de fatores a serem examinados. No contexto patriarcal há a construção de um espaço confinado *simbólico* para a mulher e também são observadas diversas possibilidades de ação de transformação dessa situação em cada época e povo.

*“Dominação é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas. Poder significa toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistência, seja qual for o fundamento dessa probabilidade. Disciplina é a probabilidade de encontrar obediência pronta, automática e esquemática a uma ordem (...) em virtude de atividades treinadas”<sup>12</sup>*

Voltando a questão da vida pública. Nas grandes religiões observa-se que os cargos de liderança são ocupados por homens. Na política representativa, também. As ditaduras e monarquias se compuseram e se compõe na sua esmagadora maioria de líderes homens. Empresas atuais têm na sua maioria homens nos cargos de chefia. Esses são dados históricos. Isso é vida pública, tomada de decisões. Da vida política, religiosa, econômica. Todas coletivas. Essa situação faz parte do que se designa “patriarcado”, elemento histórico óbvio demais para ser ignorado.

*“Patriarcalismo [ou patriarcado] no seu sentido mais amplo se refere a sistemas de relações sociais onde os homens monopolizam formalmente ou informalmente as instituições de poder e mulheres tem pouco acesso a fontes de autoridade. Historiadores encontraram a fundamental e institucionalizada desigualdade de gênero que o patriarcalismo denota em muitas regiões geográficas e períodos cronológicos nas primeiras civilizações na Mesopotâmia [cerca de 6.000 anos a.C] até as culturas Ocidentais do final do século XX.<sup>13</sup>*

---

12 Weber, Max. *Economia e Sociedade*. p.33

13 Stearns, Peter N. *Encyclopedia of Social History*. New York and London: Garland Publishing, INC. 1994. Pg. 546-547. “Patriarchy in its wider definition means the manifestation and the institutionalization of male dominance over women and children in the family and the extension of male dominance over women in society in general. It implies that men hold power in all the important institutions of society and that women are deprived of access to such power. It does not imply that women are either totally powerless or totally deprived of rights, influence and resources.” (tradução minha).

É necessário uma análise bastante cuidadosa, no entanto, para não se cair em argumentos mal elaborados, sempre lembrando que o quadro geral que se tenta traçar aqui prevê peculiaridades e situações por vezes opostas a que se tenta definir como majoritária, onde se encontram povos, épocas, famílias, cidades onde se existe uma atuação *mais significativa* da mulher na vida coletiva. É necessário, no entanto, tentar identificar relevantes recorrências em regiões e épocas diversas, semelhanças essas que nos levam a traçar um quadro geral de relações que se repetem, se inserindo numa certa estrutura. Em meio aos temas polêmicos das humanidades aqui encontramos outro: “estrutura” versus “ação”. Nem um nem outro, os dois. Estruturas maleáveis, umas mais, outras menos, que permitem ações, interrupções, modificações nas suas linhas gerais, o que Deleuze chamaria de “linhas de fuga”<sup>14</sup>? Que extrapolam, fissuram, quebram? Em uma observação cuidadosa notamos inclusive como essas próprias ações sustentam a continuidade da estrutura, porque existem até um certo limite, um limite que pode proporcionar aos protagonistas dessas ações certa ilusão de autonomia. Como exemplo paralelo, podemos citar as greves legalizadas dentro da democracia representativa: legitimadas, o sistema coopta a oposição, absorve-a, torna-a mais dócil, reserva para ela dias e horários definidos, a polícia fecha as ruas para que a greve aconteça, evitando assim a oposição destruidora que vem de fora do sistema, e que se dá como um embate, um choque. Absorvendo-a, mina sua capacidade efetiva de mudança. Nessa estrutura que permite, de formas diversas de acordo com o caso, maleabilidade e pequenas distorções, as mulheres ocuparam sim alguns lugares de tomada de decisão, o que chamaríamos de lugares de margem considerável de ação, de não submissão completa à organização espacial promovida por homens. Porém, seriam lugares cuidadosamente designados a elas pelos homens? Talvez algo parecido com as linhas de fuga de Deleuze, não sendo no entanto bem isso, porque é difícil avaliar se essas ações seriam proveniente das decisões das próprias mulheres ou então como agentes que obedecem, inseridas no esquema patriarcal de organização social. Freiras obedecem os padres nas igrejas católicas; em muitas guerras passadas, atenderam os feridos nas áreas mais seguras, nos hospitais improvisados dos campos de batalha; na agricultura, participando sim da lida na lavoura, mas de maneira geral se observa que os serviços mais pesados são designados aos homens e lembrando que de volta a casa, é a mulher quem vai cozinhar o alimento colhido; na maioria dos rituais das grandes religiões elas participam como apoiadoras, crentes, sujeitos da massa de fiéis, mas não como sujeitos proponentes, oradoras públicas, líderes, organizadoras do ritual; secretárias trabalhando na burocracia estatal e empresarial, porém, como administradoras de políticos e empresários homens; e assim por diante. Cada povo e época trazendo variações dessas situações.

Mesmo com as Revoluções de 1789 e 1848 na França, quando valores democráticos eram trazidos à tona, curiosamente os homens insistem em colaborar para a manutenção da ausência da mulher nos espaços da política:

*“Em 1848, na França, a situação política das mulheres parece não ter sido modificada pela instituição do sufrágio universal; como se sabe, este estende-se a todos os homens franceses de maior idade, pela abolição do censo eleitoral e a admissão, pela primeira vez após 1789, dos domésticos, indigentes e soldados. Depois da Revolução, as mulheres continuaram excluídas do corpo eleitoral; Neste aspecto, o decreto de 5 de março nada modificou relativamente às leis eleitorais anteriores.”*<sup>15</sup>

---

14 “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conctarem às outras.” Deleuze, Gilles e Guatarri, Félix. *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia*. RJ: Editora 34, 1995. p.7

15 Verjus, Anne. *Voto familiarista e voto familiar- contribuição para o estudo do processo de individualização das mulheres na primeira metade do séc. XIX* pp. 40 e 409 in Canedo, Letícia Bicalho (org). *O sufrágio Universal e a invenção da democracia*. SP: Estação Liberdade, 2005.

Preambulo com essas palavras na tentativa de fornecer um panorama geral a partir do qual poderemos então enunciar algumas questões sobre os temas propostos e finalizo com as perguntas: Por que seria rancoroso um movimento que ressalta a violência que homens cometem contra mulheres? Por que seria ressentido um movimento que explicita as estruturas de dominação dos homens, que ressalta a importância das mulheres participarem dos processos de tomada de decisão de suas sociedades, de seus países? O movimento feminista não é ressentido. Quem são ressentidos, ou seja, quem re-sentem são os homens. A cada ação que o movimento feminista realiza, os homens sentem novamente que seu poder está sendo questionado e destruído aos poucos. Ressentidos, caracterizam as mulheres de forma pejorativa. Não aceitam que para uma sociedade democrática, é necessário que transformem seu próprio comportamento. Não aceitam e tentam impedir que as mulheres participem em massa dos processos de tomada de decisão. Para uma sociedade justa é necessário que os processos de tomada de decisão sejam conduzidos por todas as pessoas.

## A vida social adquire formas

A História toma suas formas de acordo com os agentes envolvidos e com o contexto geral de acontecimentos com os quais dialogam. A análise dessa história é uma produção de significados, dando nascimento a uma outra história, aquela que é relatada: o relato do que foi vivido. Nessa produção, há interpretação, tanto de quem vive o fato – interpretação sobre a realidade que vive, vê, analisa e sobre a qual elabora – como de quem lê e/ou ouve sobre o fato, ao escolher certos elementos a serem pensados e analisados, o que origina um recorte feito a partir de uma seleção da pesquisadora, leitora, ouvinte. A história é fato, interpretação e versão.

Partimos então de uma situação social histórica que demonstra uma relação de desigualdade entre os sexos: tem havido maior participação de um sexo nos espaços de tomada de decisões coletivas em detrimento do outro. Essa situação demonstra também que nessa relação, homens e mulheres produziram noções a respeito da existência – através da intelectualidade, do pensamento, do funcionamento da cognição, resultando no desenvolvimento das linguagens racionais coletivas – que foram então tomando forma de noções dominantes através das relações de poder no patriarcado. As noções elaboradas por mulheres, participaram em menor escala das histórias oficiais e das histórias conservadas, ensinadas e passadas pra frente.

*“Acreditamos que a vida social adquire sempre as formas que resultam da confrontação dos interesses ideais e materiais daqueles que pensam e querem”<sup>16</sup>*

Difícilmente se conseguirá chegar a explicações razoáveis que explicam a existência do patriarcado se não recorrermos a diversas áreas do conhecimento, tais como a economia, sociologia, antropologia, ciências políticas, filosofia, direito, biologia, psicologia, e assim por diante. Como já colocado, a sociedade global atual é resultado de milênios de patriarcalismo. A primeira questão que se coloca é, portanto: “Porque os homens têm sido sujeitos dominadores na relação estabelecida com as mulheres?”. Vamos nos entregar ao exercício da suposição, através de informações simples.

---

16 Grupo Anarquista Primeiro de Maio. *Malatesta*. RS: L&Pm Editores, 1984. P.27

## Homem como sinônimo para Humanidade

Na língua portuguesa, a palavra “homem”, além de servir para designar “ser humano do sexo masculino” serve curiosamente para outro uso: “homem” como o conjunto de “homens e mulheres”, ou seja, de “humanidade”, o plural para mulheres e homens. Na linguagem sexista, é o que se denomina “masculino genérico”, que é encontrado no português e também em outras línguas.

*“O masculino genérico pode ser resumido, em linhas gerais, como o uso do gênero gramatical masculino para denotar o gênero humano (isto é, a espécie humana, incluindo homens e/ou mulheres).”<sup>17</sup>*

Esse é um dado bastante simples que diz muito sobre as relações de gênero, o patriarcado e principalmente sobre o ser humano do sexo masculino. Sabe-se que muitos conceitos de uso corrente foram criados por homens. A história da filosofia estudada nas universidades, por exemplo, é quase que completamente composta por filósofos homens, para não falar dos cientistas estudados e também dos livros religiosos das grandes religiões, a maioria escritos por homens, ainda que sob o pretexto de serem transcrições da palavra de Deus. E claro, deuses homens (os homens inventaram também que os deuses teriam sexo, o seu próprio sexo<sup>18</sup>). O conceito de humanidade que tem o seu sinônimo no conceito “homem” é mais um conceito originado e difundido no contexto do patriarcado.

*“Um conceito tem sempre a verdade que lhe advém em função das condições de sua criação”<sup>19</sup>*

Outra característica marcante na língua portuguesa, são os coletivos das palavras serem masculinos. Ex: todo aquele que lê é um leitor. “Leitor” é também o singular de “homem que lê”, ao contrário de “leitora” para “mulher que lê”. A não ser que o singular da coisa descrita seja apenas feminino, no caso de objetos, ex. “cortina” e “cortinas”, o plural para pessoas, que inclui tanto mulheres e homens será sempre masculino: os médicos, os empresários, os padeiros, os estudantes, os músicos, os professores, os artesãos, os motoristas, e assim por diante. Esse elemento linguístico é designado “gênero não marcado”, que seria o gênero que inclui tanto homens quanto mulheres. Coincidentemente este gênero “geral” é o mesmo que o gênero masculino.

Esses exemplos mostram como o conceito “homem” se relaciona com conceitos que designam coletivos, em oposição à “mulher”, que seria o marcado, o não neutro, o individual. O individual

---

17 Mader, Guilherme Ribeiro Colaço. Masculino genérico e sexismo gramatical. 2015, p.17. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/158447/336814.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

18 “Parece que uma correção tem de ser feita: o homem não foi criado a imagem de Deus, mas Deus é que foi criado a partir da imagem do homem, a partir de suas necessidades internas psíquicas profundas”. Cavalcanti, Raissa. *O Casamento do Sol com a Lua. Uma visão simbólica do masculino e do feminino*. SP: Cultrix, 1988. p.96.

19 Deleuze, Gilles e Guatarri, Félix. *O que é a filosofia*. SP: Editora 34, 1992. p.40.

“mulher” se torna coletivo através de “elas” e também de “eles”, já que “eles”, inclui “elas e eles”, “homens e mulheres”. O individual “homem”, se torna coletivo através de “eles”, referindo-se aos homens, e também através de “eles”, referindo-se aos homens e às mulheres. Ou seja, uma das formas através das quais as mulheres se tornam seres coletivos na linguagem é através dos homens. Os homens, ao contrário, não se tornam seres coletivos através das mulheres, mas, apenas através deles mesmos.

## A Bíblia Judaico Cristã: Quem conta um conto aumenta um ponto

Construções linguísticas sexistas também são encontradas nas versões traduzidas e difundidas da Bíblia Judaico Cristã. Esse livro é um documento muito importante para se entender a história dos povos e por conseguinte, as relações estabelecidas entre mulheres e homens, inserindo-se na lista de livros religiosos das denominadas como “grandes religiões”, que inclui as religiões do Cristianismo, Hinduísmo, Budismo, Judaísmo e Islamismo. A Bíblia Judaico Cristã vem sendo utilizada como um guia para a vida social para muitos grupos de pessoas, gerando inclusive, regras e costumes – muitas vezes desvinculados de seu sentido original – para a sociedade como um todo, o que inclui pessoas não-religiosas e pessoas de outras religiões.

Entre as/os estudiosos da Bíblia Hebraica – ou Tanach – que é um dos livros que compõe a Bíblia Judaico Cristã, há divergências sobre sua origem: se teria sido oral ou escrita. Há também divergência sobre a data exata, assim como a autoria dos primeiros textos escritos e a autoria das primeiras compilações de textos.

*“Embora a linha teórica de Upsalla defenda a existência de discursos orais elaborados anteriormente ao surgimento da escrita entre os Hebreus, há hoje uma tendência a acreditar que, ao contrário, a escrita foi precoce entre eles, pois não haveria lógica que, cercados por povos que já escreviam (Egito, Mesopotâmia, Ugarit e outros), os hebreus fossem o único povo ágrafo da região.”<sup>20</sup>*

Ainda que não exista uma conclusão sobre tais temas, sabe-se que a oralidade foi e é elemento central para a difusão das ideias religiosas tanto da religião judaica quanto da cristã. Tanto a oralidade quanto a escrita são passíveis de se distanciarem das ideias primeiras que as originaram. No caso da Bíblia Hebraica, as versões atuais se baseiam em traduções do original, que se perdeu com o tempo:

*“(..) no caso do texto do Antigo Testamento, não se dispõe de um número expressivo de manuscritos mais antigos em hebraico, os eruditos e tradutores levam em conta o testemunho das “versões antigas”, principalmente o Targum aramaico, a tradução grega da Septuaginta e a Vulgata latina. Estas traduções foram feitas a partir de um original hebraico.”<sup>21</sup>*

Além da lacuna atual sobre a origem dos primeiros textos bíblicos, há em circulação muitas versões dos textos da Bíblia no formato que a conhecemos hoje, devido aos processos de tradução para as diversas línguas e também às escolhas das fontes escolhidas para tradução. Há também as versões simplificadas e as interpretações realizadas por religiosos que, por sua vez, as comunicam oralmente aos fiéis. Há, portanto, um processo longo entre a ideia original – ou ainda, as ideias

---

20 Malanga, Eliana Branco. A bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica. Editora Humanitas, 2005. Pg.168.

21 Sociedade Bíblica do Brasil. Disponível em: <https://www.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/os-originais-da-biblia/a-preservacao-do-texto-biblico/>. Acesso em 02 de março de 2020.

originais, no caso de terem sido criadas por várias pessoas e não apenas uma – e as ideias atuais sobre as ideias originais. Foram realizadas transcrições, compilações, reescritas, adições, interpretações e traduções, em suma, um processo de edição.

Há também a questão sobre o acesso direto das pessoas comuns aos textos sagrados, que em muitos momentos da história foi restrito à pequenos grupos de pessoas que interpretavam e repassavam essas ideias de forma oral para grupos maiores de pessoas.

Nos debrucemos então sobre a questão e analisemos algumas passagens da Bíblia de Jerusalém, numa versão diferenciada, pois apresenta nela mesma um estudo sobre as palavras e traduções, proveniente de pesquisa conjunta de uma equipe de “exegetas católicos e protestantes e por um grupo de revisores literários”, composto por dezenas de padres, tradutores e colaboradores, publicada em francês em 1973 e em português em 1985, a partir de traduções dos originais em hebraico, aramaico e grego, as três línguas que escreveram o Antigo e o Novo Testamento. Sobre a tradução, com grifos meus:

*“A tradução foi feita a partir dos textos originais hebraicos, aramaicos e gregos. Para o Antigo Testamento utilizou-se o texto masotérico, isto é, o texto hebraico estabelecido entre os séculos VII e IX d.C. Por sábios judeus, que fixaram sua grafia e vocalização. É o texto reproduzido pela maioria dos manuscritos. Quando esse texto apresenta dificuldades insuperáveis, recorre-se a outros manuscritos hebraicos ou a versões antigas, principalmente a grega, a siríaca e a latina. Nesse caso as correções são sempre assinaladas em nota. Para os livros gregos do Antigo Testamento (“deuterocanônicos”) e para o Novo Testamento utilizou-se o texto estabelecido na época moderna por um trabalho crítico sobre as principais testemunhas manuscritas da tradição, também com o auxílio das versões antigas. Quando a tradição oferece diversas formas do texto, foi escolhida a leitura mais segura, não sem indicar em nota a ou as variantes que têm importância ou conservam alguma probabilidade. (...) Houve um esforço para reduzir a diversidade das traduções que termos ou expressões idênticas do original recebem as vezes em outras edições. Todavia levou-se em conta a amplitude dos sentidos de certos termos, para os quais nem sempre é possível encontrar um equivalente em português.”<sup>22</sup>*

A intenção ao reproduzir esta citação é demonstrar como estamos sempre reféns de seleções e de critérios definidos que atuam como balizadores de quais informações são mais ou menos relevantes. Esses critérios levam em conta a noção de “maioria”, que nem sempre é representativa do todo, dado que a maioria pode ser construída através de relações de poder e interesse ou pode funcionar apenas como dado quantitativo e não qualitativo; as noções de “principal e mais relevante”, que são também construídas em função da exclusão de certas visões; e também a noção de “esforço individual dos pesquisadores” que, novamente parte de pressupostos particulares, pois um esforço se dá na medida que se avalia se o conteúdo a ser pesquisado é relevante ou não, a partir de uma dada perspectiva.

Em relação a escrita do Antigo Testamento, a Bíblia Hebraica:

*“A composição desta vasta coletânea era atribuída a Moisés pelo menos desde o começo de nossa era e Cristo e os Apóstolos conformaram-se com esta opinião (Jo 1,45; 5,45-47; Rm 10,5). Mas as tradições antigas jamais haviam afirmado explicitamente que Moisés tivesse sido o redator de todo*

---

22 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial : Tiago Giraudo. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Introdução.

o Pentateuco (...) A descoberta das literaturas mortas do Oriente Médio e os progressos feitos pela arqueologia e pela história no conhecimento de civilizações vizinhas de Israel mostraram que muitas leis ou instituições do Pentateuco tinham paralelos extrabíblicos bem anteriores às datas atribuídas aos “documentos” e que numerosos relatos supõe um ambiente diferente e mais antigo daquele em que estes documentos teriam sido redigidos. Vários elementos tradicionais eram conservados nos santuários ou eram transformados pelos narradores populares. Foram agrupados em ciclos e depois postos por escrito sob a pressão de um ambiente ou pela mão de uma personalidade dominante. Mas essas revisões não constituíram um termo em si mesmas: elas foram revisadas, receberam complementos, foram enfim combinadas entre si para formar o Pentateuco que nós possuímos. As 'fontes' escritas do Pentateuco são momentos privilegiados de uma longa evolução, são pontos de cristalização das correntes de tradição que se originaram mais acima e que em seguida continuaram seu fluxo.”<sup>23</sup>

“Seria absurdo exigir dessas tradições, que eram o patrimônio vivo de um povo e que lhe davam o sentimento de sua unidade e sustentavam sua fé, o rigor que um historiador moderno empregaria, mas seria igualmente descabido negar-lhes toda verdade por carecerem de tal rigor. Os onze primeiros capítulos do Gênesis devem ser considerados à parte. Descrevem, de modo popular a origem do gênero humano; enunciam num estilo simples e figurado, tal como convinha à mentalidade de um povo não muito culto, as verdades fundamentais imprescindíveis para se entender a economia da salvação (...) são ao mesmo tempo fatos, e se as verdades são certas, implicam fatos que são reais, embora não possamos precisar seus contornos sob a veste mística que lhes foi dada, consoante a mentalidade da época e do ambiente(...) A tarefa do historiador moderno é confrontar esses dados da Bíblia com os fatos da história geral.”<sup>24</sup>

Essas brilhantes passagens explicativas sobre a história da Bíblia – contidas na própria Bíblia, no caso dessa versão, o que raramente é encontrado em Bíblias comuns – nos fala de forma bem explicada sobre como os interesses predominantes em cada época podem originar um história oficial tanto na oralidade como nos documentos, em detrimento da diversidade de outras versões.

Podemos então ver vários elementos importantes contidos nessas citações. O fato de que a versão bíblica utilizada foi a estabelecida entre os séculos VII e IX d.C. demonstra que outras versões são preteridas em relação à essa. Que outras interpretações sobre as estórias bíblicas estariam sendo relegadas a segundo plano? É importante tentar entender inclusive porque algumas versões são mais difundidas do que outras, porque elas teriam sido legitimadas em detrimento de outras e também, quais foram os agentes envolvidos nesse processo de legitimação. Sabe-se que a estória do catolicismo, assim como do judaísmo é composta de cargos de liderança ocupados por homens, e estes, decidem sobre assuntos de grande relevância como qual versão da Bíblia será a versão oficial.

Seguindo meus grifos: a avaliação de quais seriam as “principais testemunhas manuscritas da tradição” sugere a utilização de um parâmetro a partir do qual se considera algumas versões menos importantes do que outras. Quais seriam os parâmetros utilizados para avaliar o grau de importância de cada manuscrito? Quem os estabeleceu?

Em seguida nos deparamos com a questão dos “paralelos extraíblicos”, informações novamente

---

23 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial : Tiago Giraudo. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Pg. 22-23.

24 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial : Tiago Giraudo. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Pg. 26-27.

relegadas ao esquecimento dando lugar as histórias oficiais.

A última citação aborda a questão da oralidade popular na elaboração de narrativas como o Gênesis – que fala sobre a criação do universo, dos animais e do ser humano a partir de crenças e valores característicos de uma época. Essas narrativas são veiculados até hoje e vivem como verdades incontestáveis nas mentes dos fiéis e mesmo nos pensamentos da população não religiosa, dando continuidade a um processo de reprodução de valores sexistas muitas vezes não questionados até porque não identificados, tendo suas raízes em um passado longínquo.

O Antigo Testamento é composto de três livros: Torah, Neviim e Ketubim. O primeiro desses livros é chamado de Pentateuco, pois é composto de cinco partes (penta-cinco). A Bíblia judaica designa-o “Lei” ou “Torá”, pois o considera como o documento fundamental para as “prescrições que regulavam a vida moral, social e religiosa do povo.”<sup>25</sup>

Existem quatro documentos que assinalam a escrita do Pentateuco: “o Javista (J), que desde o relato da criação usa o nome Iaweh, com o qual Deus se revelou a Moisés, e o Eloísta (E), que designa a Deus pelo nome comum de Elohim – o Javista teria sido escrito no século IX em Judá, o Eloísta um pouco mais tarde em Israel; depois da ruína do reino do Norte, os dois documentos teriam sido reunidos num só (JE) – depois de Josias, o Deuterônômio lhe teria sido acrescentado (JED); e, depois do Exílio, o código Sacerdotal (P), que continha sobretudo leis, com algumas narrações, teria sido somado a essa compilação, à qual serviu de arcabouço e de moldura (JEPD)”<sup>26</sup>

Esta introdução auxilia a entender melhor os caminhos percorridos para que fossem produzidas as versões finais dos textos religiosos que existem hoje e dentre um de seus tópicos, no relato sobre a criação, a criação dos primeiros seres humanos, nomeados como Adam e Havvah (Adão e Eva), nomes provenientes da associação com “solo” (adamah) e “viver”, respectivamente.

O primeiro trecho do Gênesis, contido em 1. As origens do mundo e da humanidade, é denominado “1. A criação e a queda”. É sobre os três primeiros capítulos deste trecho que discorro a seguir: 1. Primeiro relato da criação. Narrativa atribuída à fonte sacerdotal; 2. A experiência da liberdade. O paraíso. Narrativa atribuída à fonte javista; e 3. A queda.

O capítulo 1. Primeiro relato da criação, de fonte sacerdotal e o capítulo 2. A experiência da liberdade. O paraíso, de fonte javista, apresentam elementos narrativos que se contrapõe, gerando diferentes interpretações sobre a mulher. Outros dados dentro dos próprios relatos também apresentam incongruências. Esses elementos são expostos a seguir.

A narrativa javista (capítulo 2) afirma:

*Gênesis (2,18):*

*“Iaweh deus disse:”Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar<sup>27</sup> que lhe corresponda (...) então Iaweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirada do homem, Iaweh deus*

---

25 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial: Giraudo, Thiago. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Pg. 27.

26 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial: Giraudo, Thiago. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Pg. 23.

27 Uma diferente tradução para para a mesma palavra, encontrada na BÍBLIA HEBRAICA. *Baseado no hebraico e à luz do Talmud e das Fontes Judaicas*. Tradução por Gorodovits, David e Fridlin, Jairo. SP: Livraria Sêfer, 2006. Como segue: “E o eterno Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Far-lhe-ei uma **companheira** frente a ela!”. Gênesis (Bereshit) 2,18. P.12. (Grifo meu).

*modelou uma mulher e a trouxe ao homem.*”<sup>28</sup>

Antes de seguir com o relato, façamos uma pausa para analisar os seguintes trechos:

A Nota para “Mulher” encontrada na citação acima:

*“A narrativa da criação da mulher (vv. 18-24) parece provir de uma tradição independente: no v. 16, “Homem” designa o homem e a mulher como em 3,24; e 3,1-3, que continua 2,17, supõe que o preceito tenha sido dado ao homem e à mulher”*<sup>29</sup>

*Versículo 16 em Gênesis (2,16):*

*“E Iaweh Deus deu ao homem este mandamento: “Podeis comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer.”*<sup>30</sup>

Aqui observa-se uma incongruência no próprio relato javista. O versículo 16 vem antes do versículo 18. Há uma hipótese de que as instruções sobre os frutos do jardim, contidas no versículo 16, teriam sido dadas tanto ao homem quanto à mulher, já que a palavra “homem” pode significar “homem e mulher”. No entanto, a narrativa da criação da mulher vem depois da criação do homem, de acordo com a ordem estabelecida na Bíblia, localizando-se no versículo 18. Nesse sentido, no relato javista há duas possibilidades de criação da mulher: uma, junto ao homem e a outra, após o homem. No entanto, a primeira possibilidade não é explícita, pois, não fornece detalhes sobre como teria sido essa criação conjunta, apenas utiliza a palavra “homem” no trecho sobre as instruções do jardim, havendo a possibilidade de esta palavra estar sendo utilizada enquanto coletivo de “homem e mulher”.

*Nota t para Gênesis (2,6):*

*“O homem, ‘adam, vem do solo, ‘adamah (cf. 3,19). Este nome coletivo vai se tornar o nome próprio do primeiro ser humano, Adão (cf. 4,25; 5,1.3).”*<sup>31</sup>

---

28 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial: Giraudo, Thiago. Coordenação editorial: Bortolini, José. Coordenação gráfica: Dalbosco, Honório. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Gênesis (2,18). Pg.34.

29 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial: Giraudo, Thiago. Coordenação editorial: Bortolini, José. Coordenação gráfica: Dalbosco, Honório. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Gênesis (2,18). Nota D. Pg.34

30 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial: Giraudo, Thiago. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Gênesis (2,16-17). Pg.33-34

31 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial: Giraudo, Thiago. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Pg.33

Aqui observa-se que o nome de Adão provém de uma palavra coletiva, “solo”.

Seguindo com o relato javista iniciado acima:

*“Então o homem exclamou: 'Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada 'mulher', porque foi tirada do homem!’”<sup>32</sup>*

A Nota para “Mulher” encontrada na citação acima:

*“O hebraico joga com as palavras ’îsha, “mulher”, e ’îsh, “homem”<sup>33</sup>*

Nota para “carne em seu lugar” da primeira citação:

*“A carne (basar) é primeiramente, no animal ou no homem, a “vianda”, os músculos (...). É também o corpo inteiro (...) e por isso o vínculo familiar (...), ou seja, a humanidade ou o conjunto dos seres vivos(...) A alma (...) ou o espírito (...) animam a carne sem se adicionar a ela, tornando-a viva. Não obstante, “carne” sublinha o que há de frágil e perecível no homem (...)”<sup>34</sup> [grifo meu]*

A seguir, trecho do capítulo 1, de fonte sacerdotal, que relata a criação da mulher e do homem como eventos que ocorrem ao mesmo tempo.

Gênesis (1,26)

*“Deus disse: “**façamos** o homem à nossa imagem, como nossa semelhança(...)” [grifo meu]*

A nota para “**façamos**”, da frase acima é como segue:

*“Este **plural** pode indicar uma deliberação de Deus com sua corte celeste (os anjos, cf. 3,5.22)(...) Ou então esse plural exprime a majestade e a riqueza interior de Deus, cujo nome comum em hebraico é de forma plural, Elohim. Nesta linha se inclina a interpretação dos Padres, que aqui viram insinuada a Trindade.” [grifo meu]*

---

32 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial: Giraudo, Thiago. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Gênesis (2,23). Pg.34.

33 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial: Giraudo, Thiago. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Gênesis (2,23). Nota G. Pg.34.

34 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial: Giraudo, Thiago. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Gênesis (2,21). Nota E. Pg.34.

Uma das questões que se coloca é a possibilidade do plural relacionado ao nome de Deus, indicar a presença concomitante do masculino e do feminino. Neste sentido, as criações de Deus, que teriam sua “imagem e semelhança”, teriam também imagem e semelhança feminina e masculina, mulher e homem. Logo, suas primeiras criações poderiam ter sido o homem e a mulher ao mesmo tempo. O trecho segue:

*Gênesis (1,27)*

*“Deus criou o Homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele criou.”*

Uma possibilidade interpretativa para essa frase é que homem e mulher teriam sido criados ao mesmo tempo. Se homem e mulher foram feitos de acordo com semelhança à Deus se infere, desta vez pelo caminho contrário, que Deus possuiria aspectos de mulher e de homem ao mesmo tempo. A frase que conecta essas duas ideias/suposições que Deus é masculino e feminino e que homem e mulher foram criados ao mesmo tempo, é a mesma: “à sua imagem”. A mesma frase ancorada em duas passagens diferentes, leva às duas suposições descritas: Deus é masculino e feminino ao mesmo tempo e mulher e homem foram criados ao mesmo tempo.

Atualmente observa-se uma difusão popular e reforço do relato javista, aquele que afirma que a mulher teria sido feita a partir da costela do homem, apesar de existir a interpretação sobre a possibilidade de homem e mulher terem sido criados juntos, como apontado acima.

Além das construções apontadas, outras reflexões surgem. O primeiro dado que chama a atenção nas citações do relato javista é a origem divina do homem em contrapartida à natureza não-divina da mulher. A mulher teria sido criada após o homem, não a partir da argila do solo, mas a partir do corpo do homem. A mulher teria vindo à existência através do homem – é curioso observar que na prática biológica o que acontece é o oposto, é o homem que sai do corpo da mulher, de seu ventre. Ou seja, a mulher seria biologicamente humana através do homem e socialmente também, a partir do momento em que Deus fala que deve criar uma “auxiliar” ou uma “companheira” para o homem, ou seja, uma agente secundária que deve servir ou ajudar o homem. Portanto, em sua relação social a mulher teria a função de “ser” definida em relação ao homem. O homem se torna então uma referência de existência para a mulher.

O segundo dado que chama a atenção é a associação de “carne” com “frágil e perecível”. Ao contrário da natureza do homem – divina, inquestionável, eterna, poderosa - a mulher teria uma origem terrena, perecível, frágil. Essa fragilidade é reforçada pela questão da dependência em relação ao homem, como indicado por Deus no termo utilizado “auxiliar” ou “companheira”. Algo como “acompanhante”. A dependência faz referência a falta de autonomia, incapacidade de ser por si própria, logo, de fragilidade. Essa característica vai ser reforçada na continuação do relato, o famoso trecho da “maçã”, no capítulo “A queda”, onde a mulher, desobedece Deus ao comer a maçã proibida por Ele. O nome “Eva” é apenas dado à mulher após a descoberta desse primeiro pecado, pelo próprio homem.

*Gênesis (3,1-7):*

*“A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos, que Iaweh Deus tinha feito. Ela disse à mulher: “Então Deus disse: vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?”. A mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte.” A serpente disse então à mulher: “Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em*

*que dele comerde, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.” A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também ao seu marido, que com ela estava e ele comeu. Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus; entreteçaram folhas de figueira e se cingiram.”<sup>35</sup>*

Essa famosa passagem vai justificar muitas noções atribuídas à mulher e ao feminino durante a história e que continuam sendo reproduzidas até hoje pelos discursos coletivos sobre a mulher, sintetizadas a seguir:

- 1) A primeira mulher teria sido “incapaz” de avaliar corretamente uma situação ao desobedecer Deus, produzindo consequências não apenas para ela, mas, para o conjunto dos seres humanos existentes, que no momento eram ela e o homem. Logo, a primeira mulher seria também “incompetente” para administrar assuntos coletivos.
- 2) Seria também “ingênua” ao acreditar na serpente que a convenceu à cometer a infração. Essa ingenuidade é frequentemente associada com “infantilidade” em um sentido negativo.
- 3) A primeira mulher seria também “inapta ao pensamento lógico”, já que teria sido atraída pela maçã através de seus sentidos (“*A mulher viu que a árvore era boa ao apetite*”) e não através da razão.
- 4) Seria também “dada aos prazeres da carne” - o que no discurso atual está relacionado com comida e também com sexo - tendo em vista que ela teria sido convencida a comer a maçã porque a árvore lhe parecia “apetitosa e formosa”, o que leva à associação de mulher com banalidade, erotismo e sexo.
- 5) Ela seria “superficial”, já que atribuiu importância à forma, à superfície das coisas, dado que foi atraída pela maçã por sua aparência.
- 6) Seria também “sedutora”, pois teria levado Adão a cometer o pecado.

Ao analisarmos a passagem sobre a maçã, também lemos que a primeira mulher teria comido a maçã pelo fato de que ela “era desejável para adquirir discernimento”. Essa única frase, junto à releitura da passagem completa, gera uma interpretação completamente diferente da exposta nos 6 pontos acima e poderia ter levado à difusão de outras características relacionadas à Eva ao longo da história.

- 1) Ao contrário de “incapaz” e “incompetente” para assuntos coletivos, Eva seria uma mulher inteligente, questionadora e revolucionária ao não se submeter a uma ordem que lhe pareceu desprovida de sentido – não comer a maçã – e tomado uma decisão que beneficiaria à todos: comer a maçã para adquirir mais conhecimento.
- 2) Ao contrário de ingênua, seria também dotada de capacidade para avaliar um mesmo fato de acordo com o acesso a mais de uma fonte – não apenas Deus, que teria dado a ordem inicial sobre os frutos, mas, também a serpente. Vale lembrar que o elemento de consulta à várias fontes compõe o pensamento do método científico e é também fundamental para administrar assuntos coletivos.
- 3) Seria dotada de grande habilidade de raciocínio lógico, já que avaliou as etapas necessárias para se alcançar conhecimento, decidiu a partir dessa avaliação e realizou a ação necessária para atingir o objetivo final.

---

35 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial: Giraud, Thiago. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Gênesis (3,1-7). Pg.34-35

- 4) Ela seria audaz e independente, já que realizou a ação sozinha, sem o auxílio de outras pessoas;
- 5) Ela seria uma pessoa dotada de inclinação intelectual, pois comeu a maçã por esta se originar da Árvore do Conhecimento havendo, assim, vontade e intuito de desenvolver o pensamento, a razão, a capacidade de versar sobre o bem e o mal, demonstrando necessidade e interesse pelo conhecimento, a não-conformidade com a ignorância.
- 6) Seria também uma pessoa dotada de poder de persuasão/convencimento, dado que convenceu outra pessoa a topiar sua ideia, no caso, Adão. Eva não teria “seduzido” Adão, teria convencido Adão a partir da explanação de suas ideias.

Como pode-se observar, uma mesma situação pode ser interpretada de formas diferentes. A primeira interpretação, a que perdura atualmente na interpretação sobre as mulheres, caracteriza a mulher de forma pejorativa, a partir da valorização de uma relação de submissão das pessoas com um força inquestionável. A segunda, interpreta o ato de questionar como algo forma positivo e valoriza a dúvida e a transformação de situações injustas. Seria justo o conhecimento não ser difundido e compartilhado entre as pessoas?

Voltando às citações da Bíblia. Como castigo à mulher por sua infração Deus disse:

*Gênesis (3,16)*

*“Multiplicarei as dores de tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos. Teu desejo te impelirá ao marido e ele te dominará.”<sup>36</sup>*

Observa-se mais uma vez como a história e os documentos históricos – como é o caso da Bíblia Judaico Cristã – são contados e redigidos a partir de interesses dominantes. A escrita de documentos ocorre muitas vezes para justificar a violência e exploração cometida na prática pelos homens contra as mulheres. No caso de documentos religiosos, à essa escrita é atribuída uma origem divina e logo, e inquestionável.

As noções negativas associadas à mulher e o feminino largamente difundidas através dos documentos religiosos analisados encontraram “lugares” durante a história, para se alojar no modo patricarcal de organização social já existente nas sociedades. Ou seja, essas noções vêm sido convenientemente acolhidas pelos discursos dominantes.

O castigo dado à mulher por Deus condiz exatamente com o ocorrido durante a história: a dominação do homem sobre a mulher nas relações sociais, o patriarcado. É no patriarcado que o homem se relaciona com a mulher a partir do desejo que ele constrói socialmente sobre a mulher e não o oposto, como expressam passagens do Gênesis – tanto no trecho sobre Eva e a possível associação entre “mulher” e “sedução”, como no trecho após a queda “teu desejo te impelirá ao marido”. Ou seja, a Bíblia afirma que a mulher é fonte de desejo, quando a fonte do desejo que o homem sente pela mulher, é o próprio homem. E no patriarcado este desejo é sinônimo de violência, através da objetificação sexual e da violência sexual que homens realizam contra mulheres.

A explicação relatada nas versões difundidas da Bíblia, tidas como divinas, e logo, inquestionáveis, encaixou-se perfeitamente na realidade já existente de opressão do homem contra a mulher, servindo para justificá-la. Uma estória conveniente que convence muitas pessoas até hoje.

---

36 Bíblia de Jerusalém. Direção Editorial: Giraud, Thiago. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Gênesis (3,16). Pg.35

A conclusão deste ensaio é que a narração da criação foi cristalizada dessa forma para justificar a violência que o homem já exercia contra a mulher na época e para obrigar mulheres a aceitar essa violência através de uma ideia atribuída ao divino, e logo, seria inquestionável.

O modo como a escrita da Bíblia Judaico Cristã foi escrita (ou re-escrita) e é difundida atualmente, vem a colaborar, portanto, para a difusão do sexismo e do patriarcalismo na humanidade, com resultados aliás bastante relevantes e catastróficos.

*“A mulher, não sendo criada diretamente da divindade, possui uma imperfeição inerente, o que torna mais fácil a sua queda à tentação da serpente. Portanto, fica justificada também a necessidade do controle sobre a mulher, e de sua proteção, para que ela não sucumba, por ingenuidade e por fraqueza, ao mal. Dentro da tradição do ensino religioso, é essa informação que é passada subliminarmente: a noção de que a mulher está ligada ao pecado, tanto por sua natural inferioridade como por sua incapacidade para discriminar o bem do mal. Tudo isso ficou profundamente gravado no psiquismo feminino, conferindo-lhe uma identidade negativa(...)”<sup>37</sup>*

Não é apenas na Bíblia que encontramos a difusão de valores negativos atribuídos à mulher e que a caracterizam como um ser incompetente para as decisões coletivas. Eles são encontrados de forma difusa por toda a história da humanidade. Valores como esses, historicamente difundidos, se inserem em um contexto e contribuem para ele. Os índices de estupro são altíssimos no mundo todo, ocorrendo diariamente. Para não falar na violência doméstica, na desigualdade de salários entre homens e mulheres para os mesmos serviços realizados, e assim por diante. Não há espaço suficiente nesse ensaio para detalhar essa situação. Porém, pode-se dizer que esse é um lugar comum para caracterizar a mulher, não apenas nas idéias, mas na prática. Essa é uma questão já bastante debatida pelo feminismo nas últimas décadas. Os movimentos feministas vêm a inflar uma revolta em relação a essas noções equivocadas, que deslocam a mulher do espaço da vida pública como um ser político que toma decisões e manifesta suas vontades, para o espaço da não-decisão, desprezando-a como um ser capaz para a política e para os assuntos coletivos.

---

37 Cavalcanti, Raissa. *O casamento do Sol com a Lua. Uma visão simbólica do masculino e do feminino.*

## O reconhecimento de si através da linguagem. “Marido e mulher”

Como visto, existe um discurso difundido que atribui certas características à mulher e que está inserido em uma região de valores e interesses. Como foi levantado, a Bíblia Judaico Cristã é um dentre inúmeros elementos difusores desse discurso que está alastrado por muitos povos. Procurar suas origens é um objetivo que deve ser perseguido por aqueles que se pretendem pensadores. O presente artigo se situa apenas no início dessa procura.

*“A linguagem possui uma dimensão coletiva, e, ao mesmo tempo, uma força redutora, originando uma perda do objeto a que se refere, através de sua reformulação. Algo que é compartilhado tem que perder qualidades subjetivas para virar coletivo. A episteme seria o conjunto de pressupostos, preconceitos e tendências que estruturam e delimitam o pensamento de qualquer época, essa linguagem coletiva, originando formas de discurso.”<sup>38</sup>*

Onde estão as palavras através das quais a mulher teria a possibilidade de se reconhecer enquanto ser coletivo no discurso social? Ou melhor, enquanto ser capaz de atuação na vida coletiva, na vida pública de tomada de decisões, na vida política?

As noções negativas sobre a mulher caracterizando-a como um ser incompetente para a vida coletiva produzem uma consequência quase lógica desse discurso: se a mulher é incapaz, alguém tem que fazer por ela, e ela torna-se dependente do outro.

Vejamos o exemplo que a Língua Portuguesa nos dá: o duplo “marido e mulher”. Aqui a mesma palavra utilizada para denominar “ser humano do sexo feminino” é utilizada para “ser humano do sexo feminino casado com um homem”, ou seja, “esposa”. “Mulher” vira então sinônimo para “mulher que se associa a um homem”. Mulher como sinônimo de esposa. “Ser esposa” torna-se o “ser mulher”. Isso é a linguagem, como reflexo da sociabilidade, aqui no Brasil. Nesse exemplo, não é reconhecida à mulher uma vida autônoma, como ser humano independente, pois, esta fica associada ao marido. Reparem que para o homem há uma situação diferente: a linguagem garante o seu lugar enquanto homem, independente da condição de marido. É como se o homem partilhasse de uma vida conjugal, dentro de casa, e uma vida independente como homem, fora do âmbito familiar, enquanto a mulher só teria uma vida conjugal. Exemplos absurdos como esse encontram perpetuação na fala de homens e de mulheres. Mesmo intelectuais feministas adotam essa linguagem, mostrando que as raízes da opressão ainda estão muitas bem fincadas no território dos conceitos.

O ser individual se reconhece no coletivo, dentre outras formas, através da linguagem. Essa é uma das maneiras através da qual um indivíduo se torna um ser coletivo. A partir do momento em que a linguagem coletiva vincula a existência da mulher a uma relação de dependência em relação ao homem, como demonstrado com exemplos até agora explicitados, a mulher ela mesma alimenta as noções de si como um ser incapaz de pensar, avaliar questões coletivas por si própria, deslocada do espaço simbólico e concreto de tomada de decisões públicas, para o espaço da submissão ao homem. Já vimos que a produção desses conceitos se dá no sistema patriarcal, onde os sujeitos

---

<sup>38</sup> Stratern, Paul. Tradução por Boechart, Cassio. *Foucault em 90 minutos*. Rj: Jorge Zahar Ed, 2003. Pg. 36-37.

dominantes são os homens. As mulheres, ao meu ver, seriam re-produtoras desses conceitos. Observe a citação seguinte, realizada por uma estudante de Ciências Sociais da Universidade de Santa Fé, Argentina, em 1920, em defesa de tese de final do curso:

*“Pode-se conceber um lar em que a mãe ou a esposa vai ao comitê, exalta o espírito em um ambiente impregnado de idéias vis e egoístas, ouve frases, muitas vezes dirigidas a ela, ditas por um analfabeto qualquer que ousa pronuncia-las com irreverência ou por um produto da taberna que no dia do comício encontra-se inconsciente, dominado pelo líquido insalubre e infecto vendido nos botequis do submundo; ou escuta o palavrório inflamado de oradores eloquentes, impressiona-se com tudo isso e, chegando em casa, extravasa todas essas sensações (precisa comunica-las, faze-las sentir, porque uma das fraquezas da mulher é comunicar sempre aos que a rodeiam seu estado de espírito)? E se, por desgraça, o marido pertence a outro grupo político...o leitor já pode imaginar a confusão de idéias em que ambos mergulham, com o conseqüente exemplo para os filhos, além do abandono moral e material dos mesmos - porque vejo como abandono o fato de ficarem nas mãos da criadagem, ou, à falta desta, entregues à sua própria sorte.”<sup>39</sup>*

Essa pensamento seria uma reprodução, um reforço do discurso patriarcal sobre a mulher, reproduzida pela própria mulher. Cabe à atualidade a modificação desse discurso, por demais desgastado. Essa é uma das tarefas às quais os movimentos feministas vêm se propondo.

---

39 Minetti, Ana Francisca. *A mulher e o sufrágio*. p. 438 in Canêdo, Letícia Bicalho (Org.) In *O sufrágio Universal e a invenção da democracia*. SP: Estação Liberdade, 2005.

## O Tal do Ressentimento

Podemos agora analisar a frase que deu origem a esse ensaio a partir de um panorama já descrito.

*“O movimento feminista é ressentido”*

Analisei até aqui algumas relações entre homens e mulheres a partir da produção de conceitos sobre a mulher no contexto patriarcal: o homem como sinônimo de humanidade; os adjetivos pejorativos atribuídos à Eva e a disseminação dessas ideias ao longo da história; e o binômio brasileiro “marido e mulher”, retirando a individualidade da mulher e associando-a necessariamente à existência do homem. A frase “o movimento feminista é ressentido” é apenas mais uma dessas produções de conceitos machistas e patriarcais. Estou portanto analisando aqui o homem. O homem como produtor de conceitos e, talvez, a mulher como reprodutora dos mesmos.

Faz-se necessário analisar a colocação em si: seu significado e quem a enuncia, além de situá-los historicamente. A partir disso podemos pensar em possíveis relações homem-mulher e homem-movimentos feministas.

Essa frase se insere em séries de valores sobre as mulheres difundidas por homens. De início, demonstra um certo sentimento em relação aos movimentos feministas: há uma atribuição de valor negativo.

Vale lembrar que os movimentos feministas nascem com o intuito de promover a não-opressão nas relações entre homens e mulheres. As diferentes correntes que vem a se desenvolver pelo mundo todo no séc.XX, tendo raízes em séculos anteriores através de figuras isoladas de mulheres combativas, abordam as relações de gênero de formas diversas.

*“Como qualquer movimento revolucionário tanto da teoria quanto da prática, o feminismo causa incômodo.”<sup>40</sup>*

Para entender melhor as questões aqui colocadas, faz-se necessária duas perguntas: Porque o homem submete a mulher?

Uma das propostas deste ensaio é refletir sobre o homem, como produtor de conceitos sobre a mulher e a partir daí, como ser que se relaciona com os movimentos feministas, sendo eles composto por mulheres.

Deixo para o fim deste ensaio a questão que se anuncia no título, com fins de primeiros apontamentos para pensarmos o homem e o feminismo. Tomarei como objeto de estudo para tal, o filme de Federico Fellini, “Cidade das Mulheres” de 1980.

“Cidade das Mulheres” demonstra uma visão dos movimentos feministas através de uma personagem homem, inserido no que é denominado de “segunda onda do movimento feminista”,

40 Minetti, Ana Francisca. *A mulher e o sufrágio*. p. 438 in Canêdo, Letícia Bicalho (Org.) In *O sufrágio Universal e a invenção da democracia*. SP: Estação Liberdade, 2005. Pg.46.

que a partir da década de 60 se espalha por várias partes do mundo.

A história do filme é a seguinte: um homem está andando de trem e desce antes do que seria seu destino original, para perseguir uma mulher, pela qual se sente atraído sexualmente durante a viagem. Já fora do trem, andando apressadamente atrás dessa mulher, acaba num hotel no meio da mata onde ocorre um encontro feminista. O filme transcorre sobre os acontecimentos neste local e arredores.

A forma como o diretor organiza as imagens, diálogos e principalmente como mostra o comportamento das feministas que participam do encontro e também de alguns homens pontuais, diz muito sobre uma visão corrente entre homens sobre os movimentos feministas e as mulheres. De acordo com eles, mulheres seriam sedutoras e mentirosas, feministas seriam históricas e caóticas.

Na primeira cena, a personagem principal, um homem, que chamarei aqui de “passageiro do trem”, desce do trem na tentativa de aprofundar o contato com uma mulher que tinha conhecido vagamente dentro do trem, em termos sexuais (ele a persegue dentro do trem e manifesta sua atração. A mulher é retratada como alguém que alimenta a situação. Os dois travam rápido contato corporal). O trem de repente vai embora e ele, já fora do trem e perdendo o transporte, continua a persegui-la. E então, a mulher do trem vinda o homem deixando-o de olhos fechados no meio da mata e desaparece. A sequência dá a entender que ela iria beijá-lo, mas, ao invés disso, desaparece. As primeiras associações que o filme realiza com a ideia de “mulher”, seriam:

- 1) A mulher é sedutora. É ela que atrai o homem para o território da sexualidade, no trem e para fora do trem.
- 2) A mulher é culpada, pois ela seria fonte do desejo, a responsável por causar o desejo no homem, por tê-lo levado até a floresta e tê-lo tirado de seu caminho.
- 3) A seguir, “a mulher é mentirosa e traiçoeira”, ao ter enganado-o sobre o beijo.

Notem que duas dessas associações estão também contidas na interpretação sobre Eva, na Bíblia Judaico Cristã: sedutora e culpada. O adjetivo “traiçoeira” também é observado no discurso atual sobre Eva, a partir de sua associação com a serpente.

O passageiro do trem demonstra então raiva ao ver frustrada sua tentativa de se relacionar sexualmente com essa primeira mulher. Perdido na mata, caminhando ao léu enquanto se lamenta, se depara com sons que parecem vir de uma fervorosa reunião de pessoas. Essa é a primeira associação de mulher com “natureza e instinto”, pelo fato de estarem no meio da mata, em meio ao desconhecido. Ele vai em direção aos sons e se depara com a entrada de um hotel. Entra. Se vê em meio a um encontro feminista que acontece a pleno vapor. Primeiras imagens: muitas e diferentes mulheres, todas falando ao mesmo tempo, dedicadas a diferentes atividades que ocorrem concomitantemente nos mesmos espaços. O passageiro continua sua busca pela primeira mulher, percorrendo o hotel e procurando-a. O encontro está fervilhando em meio à gritos, músicas, demonstrações de práticas meditativas, debates sobre sexo, performances e mulheres que não conseguem fazer funcionar um rádio para demonstração sonora nos debates. Essas imagens expressam noções sobre a mulher, assim como dos movimentos feministas: históricas, desorganizadas, dispersas, caóticas, raivosas, incompetentes. Em dado momento, o passageiro é exposto publicamente: a mulher do trem, agora envolvida nos debates, projeta na parede, fotos que teria tirado do passageiro do trem. Seria um ato de denúncia deste homem que agora estaria invadindo o espaço feminista. Essa última cena é gravíssima, pois, propõe que mulheres se envolvem em situações sexuais para depois expor homens e acusa-los de assediadores. É uma expressa referência à culpabilização das mulheres vítimas de estupro e que depois vem a denunciar

os estupradores. Esta cena reforça que seriam as mulheres as responsáveis por ocasionar desejo nos homens, exatamente como a Bíblia afirma em Gênesis: a mulher seria sedutora. E ela seria novamente culpada por depois tê-lo acusado. Essas visões desse início do filme vão permear todo o resto.

Ele então se vê ofendido novamente mas, dessa vez se direciona para ir embora, desistindo da perseguição. Imerso nessa movimentação, o passageiro do trem presenteia o espectador com a seguinte frase: “Mas o que foi que nós fizemos? Entendo os problemas do feminismo, mas é pra ficarem tão zangadas assim?”. Essa cena expressa a desresponsabilização do homem pelas suas próprias atitudes e o espanto dos homens no momento em que as mulheres apontam essa responsabilidade. Essa frase do passageiro demonstra um elemento importante para as questões desse ensaio: muitos homens atribuem um “excesso” aos movimentos feministas: excesso de raiva contra os homens, que de acordo com eles, seria injustificado. “O que foi que nós fizemos?” vem da seguinte situação: incapaz de se debruçar sobre a questão em si : “Mas afinal o que essas mulheres estão dizendo?” ele se debruça sobre si próprio: “ Mas afinal o que foi que EU fiz?”. Ou seja, se coloca em uma situação de conflito com a questão feminista, onde, sentindo-se acusado, questiona sobre qual seria a sua culpa na situação da mulher (lembrem das citações de Krishnamurti no início desse ensaio), ao invés de analisar a questão em si. Analisa-a de forma egóica, onde a referência é, mais uma vez, ele mesmo e uma referência através da negação. Nada muito diverso do processo de constituição da história intelectual promovida por homens. Ao seguir dessa frase, as mulheres iniciam uma perseguição ao homem. Todas as mulheres presentes na reunião se viram contra ele e um aviso se dá pelos auto falantes: “Irmãs, atenção: um homem, um macho, anda entre nós, ouvindo nossas conversas, rouba nossas palavras e as grava para retransmiti-las deformadas. Ele nos espiona. Devemos procurá-lo, prendê-lo, jogá-lo fora”. Uma das mulheres se propõe a ajudá-lo chamando-o para entrar no elevador. Ela, muito dócil, declara que possui um instinto maternal para cuidar dos outros. Ele, irritado: “E quem liga para as suas brigas? Mas porque descontam em mim?”. Ela passa então a ser agressivo com as mulheres, responsabilizando-as por uma ação que ele cometeu por vontade própria, a de sair do trem, se imergir na floresta e entrar no encontro.

Essa cena se desenvolve e os dois chegam numa pista de patinação, a princípio vazia e depois lotada por mais mulheres. A mulher que o acompanha, sempre gentil, na tentativa de tirá-lo da confusão o leva para um lugar a princípio mais tranquilo. Quer ensiná-lo a patinar, quando ele queria apenas encontrar a saída. Aqui, a imagem da “mulher superficial” e “insistente, culpada” que, entretida com o que seriam futilidades do ponto de vista do homem, o impede de seguir seu objetivo. O homem então calça os patins mesmo sem saber utilizá-los e a seguir apresenta dificuldades em se locomover. Aqui aparece mais uma vez a noção de que a mulher é responsável pelas mazelas das quais o homem sofre, a mulher seria culpada pela dificuldade do homem em andar de patins. Apesar da dificuldade e da disposição da mulher em ajudá-lo, ele recusa: “Não preciso de você!”. Em seguida, incapaz de continuar em cima dos patins e sentindo-se oprimido pela profusão de mulheres ao seu redor, “Venha me buscar sua irresponsável!”. Essa cena demonstra outro elemento importante: primeiro o homem se relaciona aos gritos com a mulher, demonstrando insatisfação e independência (“não preciso de você”), e em seguida exige, de forma desrespeitosa, que ela o ajude (“venha me buscar, sua irresponsável”), expressando sua dependência, antes mascarada pela tentativa de auto-suficiência. A mulher, sempre calma e carinhosa, o atende. A construção da personagem através destas características reforça a noção de “mulher maternal”. Está aqui retratada de forma esboçada a história patriarcal dos últimos milênios: o homem oprime a mulher e mesmo assim exige que ela o atenda.

Até essa parte do filme, podemos fazer um paralelo com as reflexões desse ensaio: muitas das características atribuídas à mulher em “Cidade das Mulheres” podem ser encontradas na Bíblia Judaico Cristã, na figura de Eva, como já foi apontado.

Essas noções constituídas de simbologias negativas sobre a mulher são antigas e continuam a se

perpetuar. É a partir dessas características que muitos homens se relacionam com as mulheres e com as feministas atualmente, reproduzindo conceitos históricos sobre a mulher criados por eles mesmos. Se dá continuidade ao processo histórico de elaboração sobre a realidade a partir da referência ao homem, ao invés da referência ser a realidade que se observa, que ocorre. A observação se apresenta então como um desafio. A discussão sobre a neutralidade científica se insere nesse tema e essa é uma questão já muito debatida. Seria ela possível? Ao contrário do início da ciência, quando se pensava que o cientista seria sempre neutro, imparcial nas suas análises, vimos o transcorrer de críticas posteriores levantarem a questão de que sempre iremos olhar para a realidade através de nosso próprio olhar sobre ela. Seríamos um filtro e a imparcialidade seria impossível. Penso, porém, ser possível o pesquisador e a pesquisadora, mesmo sendo filtros, trilharem um caminho em direção ao objeto de estudo, distanciando-se de suas próprias opiniões para ter acesso mais próximo ao que observa. Olhar sem opinar, observar com o intuito de compreender e não de se posicionar de imediato. O posicionamento vem depois da observação. Em geral, os intelectuais pulam a primeira etapa e vão direto para a segunda. Concordam e discordam com si mesmos e não com a realidade que pesquisam.

## Começando a concluir

A visão de que os movimentos feministas são “ressentidos, rancorosos, compostos por mulheres mal-amadas que se vitimizam” faz parte dessa lógica da não-observação do outro para além de si mesmo e do diálogo apenas com os próprios pensamentos e com as noções falseadas e difundidas sobre o tema ao longo da história. Foi apontado que essas características são negativas, fazendo parte de um leque de adjetivos negativos atribuídos historicamente as mulheres, pelos homens.

A palavra “ressentida” deprecia os movimentos feministas. Depreciar o argumento alheio é uma tática muito comum entre intelectuais quando estes vêem seus argumentos contrariados ou quando não entendem o argumento alheio. Falar que alguém é rancoroso é não reconhecer a importância daquilo que essa pessoa está falando. Quando o outro é rancoroso, o sujeito que assim o afirma se exime de refletir sobre o que o outro fala, pois, uma pessoa rancorosa é aquela que estaria remoendo assuntos que já teriam perdido a relevância para o coletivo, fazendo sentido apenas individualmente. Novamente aqui a mulher é associada ao individual em oposição ao coletivo. A mulher feminista é então caracterizada pelo homem como uma mulher rancorosa, que dá importância a assuntos superficiais (Eva aparece novamente), se vitimiza e possui uma raiva descabida em relação ao homem. Vitimizar-se faria parte dessa mesma lógica: “se fazer de vítima”, seria valorizar em demasia a própria situação de oprimido, quando é logicamente impossível a própria vítima se fazer vítima, pois, quem faz vítimas são agressores. Quando o homem fala que a feminista “se faz de vítima”, não consegue observar o discurso feminista sobre a opressão, partindo do pressuposto de que a opressão do homem sobre a mulher não seria tão importante ou nem mesmo existiria: “é coisa da cabeça dela”. Deprecia-se o argumento da outra, atribuindo-lhe uma qualidade de “loucura, invenção”. Aliás essa já foi uma tática muito utilizada para isolar contestadores do restante da sociedade alienada e conformada: aquele que contesta é considerado louco, merecendo ser trancado num hospício e medicado para que, submisso e dócil, volte ao padrão social de conduta.

Percebe-se, portanto, que muitos homens possuem uma grande dificuldade em observar primeiro e depois compreender os movimentos feministas, assim como em ouvir as críticas que as mulheres têm a fazer sobre os homens. Não suportando críticas, desvalorizam-na, atribuindo-lhe um valor de superficialidade, de não-relevância. Parece haver uma manobra de defesa dos territórios de privilégios patriarcais.

É curioso também observar que quando o homem fala que a mulher feminista é ressentida, o faz por demonstrar discordância em relação às críticas que ela faz, demonstrando dificuldade em debater. Me pergunto se o ressentido não seria esse homem, que, vendo dissolver a mulher que por tanto tempo dominou, moldou e controlou a seu bel prazer, simplesmente não aceita que a realidade construída durante os séculos do patriarcado, se transforme. Se apega portanto à opressão e desvalida o discurso que a denuncia.

O discurso que denuncia o patriarcado reconhece a opressão que o homem exerce sobre a mulher, propõe uma relação de não-opressão, de não-desigualdade, uma relação que promova a felicidade. O feminismo propõe a libertação das mulheres e também luta pelo fim da violência como um todo. Fica a pergunta: então por que afinal, os homens tem medo do feminismo?

## Referências Bibliográficas

- BÍBLIA HEBRAICA. Em português. *Baseado no hebraico e à luz do Talmud e das Fontes Judaicas*. Tradução por Gorodovits, David e Fridlin, Jairo. SP: Livraria Sêfer, 2006.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Direção Editorial : Tiago Giraudo. Coordenação editorial: José Bortolini. Coordenação gráfica: Honório Dalbosco. SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985. Edição em língua francesa. Les Éditions Du Cerf, Paris, 1973
- CAVALCANTI, RAISSA. *O Casamento do Sol com a Lua. Uma visão simbólica do masculino e do feminino*. SP: Cultrix, 1988
- FELLINI, FEDERICO. Filme “Cidade das mulheres”
- DELEUZE, GILLES e GUATARRI, FÉLIX. *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia*. RJ: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, GILLES e GUATARRI, FÉLIX. *O que é a filosofia*. SP: Editora 34, 1992.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo Dicionário Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Totalmente revis e ampli. RJ: Nova Fronteira, 1999.
- FOUCAULT, MICHEL. *História da Sexualidade*
- GRUPO ANARQUISTA PRIMEIRO DE MAIO. *Malatesta*. RS: L e Pm Editores, 1984.
- KRISHNAMURTI. *Viagem por um Mar desconhecido*. SP: Editora Três 1973.
- MALANGA, ELIANA BRANCO. *A bíblia hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia crítica*. Editora Humanitas, 2005.
- MADER, GUILMERME RIBEIRO COLAÇO. Masculino genérico e sexismo gramatical. Dissertação de mestrado em linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2015.
- MINETTI, ANA FRANCISCA. *A mulher e o sufrágio*. p. 438 in CANÊDO, LETÍCIA BICALHO (ORG) *InO sufrágio Universal e a invenção da democracia*. SP: Estação Liberdade, 2005.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. <https://www.sbb.org.br>
- STEARNS, PETER N. *Encyclopedia of Social History*. New York and London:Garland Publishing, INC. 1994.
- STRATHERN, PAUL. Tradução por BOECHAT, CASSIO. *Foucault em 90 minutos*. Rj: Jorge Zahar Ed, 2003.
- VERJUS, ANNE. *Voto familiarista e voto familiar- contribuição para o estudo do processo de individualização das mulheres na primeira metade do séc. XIX*. p. 432 in CANÊDO, LETÍCIA, BICALHO (ORG). *O sufrágio Universal e a invenção da democracia*. SP: Estação Liberdade, 2005.dade, 2005.
- WEBER, MAX. *Economia e Sociedade*.
- WACHOWSKI. Filme “Matrix”.



